

# História: Movimento de 31 de março de 1964

## Recordando um estadista

*Jarbas Passarinho\**

Quando o Marechal Humberto de Alencar Castello Branco assumiu a presidência da República, o Brasil era um país subdesenvolvido e vivia uma hiperinflação. Exportávamos sobremesa: café, açúcar e cacau, algo aquém de um bilhão de dólares. Éramos a 48ª economia do mundo. Importávamos quase todo o petróleo, gasolina, diesel e querosene. A energia elétrica era racionada. Os analfabetos adultos beiravam os 20 milhões. No ensino primário, a taxa de escolarização chegava a 51%. No secundário, 74% eram oferta paga, particular. O filho do pobre já não alcançava facilmente o ginásio, sequer. No ensino superior, o Brasil tinha 132 universitários para cada bloco de 100 mil habitantes. A Argentina, 787, o Chile, mais de 600. Só Honduras, Guatemala e Haiti apresentavam índices piores.

Com menos de três anos de governo, a inflação anual caíra da expectativa de 144%, sem correção monetária, para 24,5%, corrigida. O crescimento real do PIB chegava a 5% ao ano. Foi Castello o denodado modernizador do país. Na educação, fez a reforma universitária e criou o salário-educação, elevando a taxa de escolarização e reduzindo a fonte do analfabetismo. Criou o Banco Nacional da Habitação, apoiado no FGTS, chegando a construir quatro milhões de casas, inclusive as populares. Fez, além da reforma universitária, a bancá-

ria (Banco Central), a cambial, a administrativa (Decreto-Lei nº 200), a tributária, a previdenciária (unificação no INPS) e a agrária (Estatuto da Terra), posteriormente abandonada. Sua visão social levou-o a criar o Pebe (bolsas de estudo para filhos de operários sindicalizados) e, no fim do seu governo, o Fundo Rural, que me coube implantar. Pela primeira vez se proporcionaria aos trabalhadores rurais a aposentadoria por idade sem contribuição obrigatória para a Previdência Social. Nenhum governante jamais se lembrara de proteger o homem do campo, quando a idade pesasse sobre a sua capacidade de trabalho. Foi a inédita aplicação do que hoje se denomina renda mínima, graças à qual os milhões de brasileiros vivendo abaixo da linha da pobreza sobrevivem. Introduziu uma política salarial compatível com o gradualismo antiinflacionário, que preservou o poder de compra do assalariado e permitiu, pouco depois, o aumento real de salários. Oficial de estado-maior, afeito ao planejamento como instrumento de racionalização estratégica e tática, apoiou o Programa de Ação Econômica do Governo, o Paeg, garantia do bom sucesso econômico e financeiro, livrando-nos do caos que ele encontrara. Surpreendendo seus críticos, adotou enfoque gradualista vencendo a forte oposição do FMI, que insistia nas medidas de tratamento de choque e repudiava

\* O autor é Coronel de Artilharia e de Estado-Maior, foi governador, ministro e senador.

a introdução da correção monetária. Nos três anos do Paeg, o déficit público de 4,2% do PIB caiu para 1,1%, ao mesmo tempo em que a inflação era debelada e a economia tinha o crescimento consolidado.

No campo político, o Presidente Castello respeitou a vitória de adversários nas urnas, no Rio e em Minas, nas eleições diretas de 1965. Infenso ao poder arbitrário, limitou no tempo as atribuições de exceção do Ato Institucional, buscando a rápida volta à normalidade jurídica. Estadista, respeitou impecavelmente a separação dos Poderes, prestigiando o Judiciário e o Legislativo. Democrata, manteve intocada a liberdade da imprensa. Pagou pesado ônus por isso. Das múltiplas facetas de sua personalidade destacava-se o estoicismo com que recebia os agravos. A impopularidade, ele a recebia como o tributo essencial que devia pagar na tarefa ciclópica de sanear econômica, financeira e politicamente o país. Uma vez salvo o Brasil, que recebera devastado, submeteu ao Congresso um projeto de Constituição promulgado no fim do seu governo, em 1967. Seu Capítulo dos Direitos e Garantias Individuais é dos mais liberais entre todas as constituições brasileiras, nada devendo à Constituição de 1946. Cumprida a missão, Castello Branco recolheu-se ao

lar, dizendo: “Não quis nem usei o poder como instrumento de prepotência. Nem quis nem usei o poder para glória pessoal ou a vaidade de fáceis aplausos. Dele nunca me servi.”

O centenário de seu nascimento, a 20 de setembro, transcorreu melancólico. Um pequeno busto foi inaugurado em quartel de Fortaleza (23<sup>o</sup> BC), no comando de Walter Romero Castello Branco. Dois discursos no único auditório do Rio posto à disposição: o do Real Gabinete Português de Leitura. “Território neutro” ... Na imprensa, o silêncio ou a crítica. Pesalhe ter sido o grande líder que colocou acima da convicção legalista de toda a sua longa carreira militar o princípio de que “as Forças Armadas não podem atraçoar o Brasil”. Pela primeira vez foi revolucionário.

Já os que intentaram edificar o comunismo no Brasil, da Intentona de Prestes em 1935 à guerrilha terrorista de Marighella trinta anos depois, embora derrotados na luta armada que desencadearam, esses já estão reverenciados como heróis sem mácula. Prestes, com o Memorial no Tocantins e um projeto no Rio Grande do Sul; Marighella, com placa no local de sua morte em São Paulo, monumento em Niterói e surpreendente homenagem em Belém, de que só deve ter ouvido falar pelos comunistas locais. ●



## BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

### Coleção General Benício

#### *Estudo histórico sobre a guerra antiga*

*J. B. Magalhães*

Síntese da arte da guerra no período clássico (Grécia e Roma) na visão de grandes historiadores, como Xenofontes, Políbio, Vegécio e Sun Tzu.